

## O tempo

Todas as criaturas gozam o tempo — raras  
aproveitam-no.

Corre a oportunidade — espalhando bênçãos.

Arrasta-se o homem — estragando as dádivas  
recebidas.

Cada dia é um país — de vinte e quatro pro-  
víncias.

Cada hora é uma província — de sessenta uni-  
dades.

O homem, contudo, é o semeador — que não  
despertou ainda.

Distraído cultivador — pergunta: “que farei”?

E o tempo silencioso responde — com ensejos  
benditos:

De servir — ganhando autoridade.

De obedecer — conquistando o mundo.

De lutar — escalando os céus.

O homem, todavia, — voluntariamente cego,  
roga sempre mais tempo — para zombar da vida,  
Porque, se obedece — revolta-se, orgulhoso,  
Se sofre — injúria e blasfema,  
Se chamado a contas — lavra reclamações  
descabidas.

Cientistas — fogem da verdadeira ciência.

Filósofos — ausentam-se dos próprios ensinamentos.

Religiosos — negam a religião.

Administradores — retiram-se da responsabi-  
lidade.

Médicos — subtraem-se à Medicina.

Literatos — furtam-se à divina verdade.

Estadistas — centralizam a dominação.

Servidores do povo — buscam interesses pri-  
vados.

Lavradores — abandonam a terra.

Trabalhadores — escapam do serviço.

Gozadores temporários — entronizam ilusões.

Ao invés de suar no trabalho — apanham bor-  
boletas da fantasia.

Desfrutam a existência — assassinando-a em  
si próprios.

Possuem os bens da Terra — acabando pos-  
suídos.

Reclamam liberdade — submetendo-se à escla-  
vidão.

Mas chega um dia — porque há sempre um dia  
mais claro que os outros,

Em que a morte — surge — reclamando trapos velhos...

O tempo recolhe, então — apressado — as oportunidades que pareciam sem fim...

E o homem reconhece — tardiamente preocupado —

Que a Eternidade Infinita — pede contas do minuto.

ANDRÉ LUIZ

### De quem seria?

*Afinal, meus irmãos, de quem seria o crime?  
Daquele, cujo braço impôs a morte  
Ao coração de alguém?  
Ou desse mesmo coração caído,  
Que inerte e mudo agora se mantém?*

*A quem se atiraria a mancha em rosto?  
À vítima tombada? ao verdugo suposto?  
Ou será que outro alguém  
É o verdadeiro autor dessa agonia alheia,  
Escondido na sombra,  
À feição de uma aranha em sua própria teia?*

*Compreendido, porém,  
Que o crime sempre nasce  
De uma ideia feroz,  
Quem teria pensado nele, antes?  
Os outros? Talvez nós?*